

## O cinema e o cineclubismo no Teatro Taborda

(1895-1955)

**1895** – Data da Fundação do Teatro Taborda

### **Santarém já conhecia a Lanterna de Lumière**

- Menezes<sup>1</sup> e Almeida, actor amador e amador de fotografia comprou em Paris uma máquina de “fotografia animada”, a famosa “lanterna de projecção” dos irmãos Lumière e terá exibido filmes numa sessão no teatro Taborda, com o objectivo de angariar fundos para a Associação Real dos Bombeiros, em Agosto de 1895, quando esta foi somente apresentada em Paris em Dezembro de 1895.

**1896** – Primeiro Animatógrafo de Santarém, já exhibia os primeiros filmes feitos em França e Portugal. Estas sessões continuaram até que deram lugar, no início do século XX, ao cinema mudo e, mais tarde, sonoro.

Na **Primeira República**, tal como o teatro, o cinema era considerado um arte muito importante para a educação do cidadão, pois com ele tinha oportunidade de obter conhecimento e de reflectir sobre os assuntos tratados pelos filmes. O cinema era olhado com relevância pelo seu carácter educativo e não só recreativo

O Cinema em Santarém continuou a ser apresentado na sala do Teatro Rosa Damasceno, sabendo-se que na década de Vinte, os intervalos dos filmes eram animados por um trio de músicos onde estava Belo Marques, que seria o futuro maestro do Orfeão Scalabitano, fundado em 1925.

**Década de Trinta** – com a instituição do Estado Novo o cinema passou a ter valor de propaganda das “novas” ideias do “novo” homem e, por isso, foi divulgado por instituições estatais como a FNAT (hoje INATEL). Assim, surgiram os cineclubes, como lugar onde o cinema assumia o papel que tinha tido na Primeira República,

---

<sup>1</sup> **Menezes e Almeida (?-?)**: Chegou a pertencer ao Teatro Nacional, em data até aqui desconhecida. Contracenou com os actores de relevo nacional como Taborda, Rosa Damasceno, Eduardo Brasão, Augusto Rosa e João Rosa. Foi também cenógrafo e amador de fotografia artística, responsável por ter dado a conhecer a lanterna de fotografia animada, em Santarém, antes da sua apresentação em Paris, em Agosto de 1895. Foi amador de fotografia e ainda recebeu o 3.º prémio da associação Belga de Fotografia, de Bruxelas, em 1904

o que veio a colidir com a ideia do salazarismo e a incitar a sua conotação com os movimentos oposicionistas.

Nesta década, propriamente em 1932, anunciou-se a criação de uma Associação Scalabitana dos Amigos do Cinema que viu os seus objectivos fracassar, certamente devido às enormes dificuldades económicas, provocadas pelo *crash* de 1929, bem como pelos impedimentos criados pelo próprio regime salazarista que veio a reafirmar-se com a Constituição de 1933.

### **Década de 40**

Foi uma década de crescimento do país, surge nomeadamente um ressurgimento do movimento musical e dos movimentos de oposição a Salazar. O seu auge repercute-se após a organização da Exposição do Mundo Português em 1940,

O cinema tinha tanto sucesso entre a população escalabitana que, no Grémio Literário Guilherme de Azevedo, numa ocasião de grandes dificuldades (1942), sob a direcção de José Rodrigues Portela, se desenvolveram sessões periódicas de cinema, coordenadas por José Rodrigues Almeida, com a “ajuda de José Maria Chaves, agente da empresa Pathé Baby, em Santarém.

### **Década de Cinquenta**

**1954** – É realizada a fusão do Grémio Literário Guilherme de Azevedo e do Orfeão Scalabitano, fundando-se o Círculo Cultural Scalabitano.

Nesta década surge, também, o movimento cineclubista em Portugal, o qual se estendeu de imediato a Santarém, pela mão de homens como Alves Castela, Humberto Lopes, Edmundo Vaz Mourão e Francisco Viegas.

Decorridos vinte anos da iniciativa da Associação de Amigos do Cinema reflecte-se, em Santarém, sobre a ideia da fundação de um cineclube, ideia essa que vinha a ganhar força em todo o país. Em Santarém, liderou este projecto o enérgico, determinado e combativo Manuel Alves Castela. Este, em 11 de Setembro de 1954, desconfiara, na coluna de “Cinema “ que escrevia no *Correio do Ribatejo*, do número de sócios que poderiam aderir ao ambicionado Cineclube de Santarém: “Não existirão uns dois milhares de frequentadores dos nossos

cinemas? Estamos certos que esse número deve ser excedido, mas não sabemos se entre ele, se conseguirão os 250 ou 300 sócios necessários à edificação das *traves mestras* do Cineclubes”<sup>2</sup>. Acompanharam-no homens como: Francisco Pereira Viegas, Humberto de Jesus Vicente, Virgílio Cravador Arruda, Alfredo Henriques Ribeiro, Armando Machado do Carmo Campeão, Álvaro de Oliveira Moreira, José Pereira Caldas, aos quais se associaram António Sisudo Alfaiate, Vasco Salgueiro Antunes, José Carlos Oliveira Sollas e Edmundo Vaz Mourão.

Por falta de autorização dos organismos públicos Manuel Castela pôde integrar o recém-formado Círculo Cultural Scalabitano. O que veio a acontecer em Janeiro de 1955.

**1955** – É fundado o cineclubes no Círculo Cultural proposto por Manuel Alves Castela e acarinhado por Manuel Ginestal Machado e Eduardo Cambezes que deu o seu apoio como dirigente da secção de cinema.

O Cineclubes tornou-se uma associação independente quando chegou a aprovação da sua constituição, mas no Círculo Cultural a secção de cinema, que se denominou mais tarde secção de Cinema Cultural, prosseguiu a missão cultural e educativa de oferecer filmes comentados, tendo-se, também associado à Federação de Cineclubes que promoveu o seu IV Encontro, em Santarém, nos dias 31 de Outubro, 1 e 2 de Novembro de 1958.

Muitos dos dirigentes do Cineclubes de Santarém eram sócios do Círculo Cultural Scalabitano, certamente por isso existiram boas relações e profícuo intercâmbio entre estas duas associações, mesmo quando atormentadas pelas polémicas, tal como aquela que ficou firmada como “Poeiras de Cineclubismo” (*Correio do Ribatejo*, 1957)

### **Cinema – cine-clubes; Cinema Cultural**

Em 1955 duas novas secções: o “cineclubes e a Filatelia (Numismática e Ex-libris) e, ainda, a constituição de uma comissão para tratar todos os assuntos

---

<sup>2</sup> CR; 11-9-1954, p. 4.

relativos à Feira do Ribatejo, tal era a importância deste evento<sup>3</sup>, como mostra das actividades e do protagonismo do Ribatejo.

As duas novas secções, estavam representadas na reunião pelos seus mentores, Manuel Castela pelo grupo do Cine-Clube e José Carlos de Oliveira Sollas pela grupo da filatelia, expuseram as suas finalidades e objectivos na reunião, onde se apresentaram os regulamentos que a direcção apreciou e aprovou.

Essa secção de **cineclubes** ficou estabelecida, no *Relatório* de 1955, como **“Cinema Cultural”** e a sua primeira sessão realizou-se no dia 2 de Março com o filme *D’Homme à Homme*, na tradução portuguesa “Do Sangue Nasceu uma Cruz”, de Christian Jacques, comentado por Gentil Marques, o cineasta e crítico, muito bem relacionado com esta associação.

Depois de algumas alegadas dificuldades, a actividade da secção de Cinema do Círculo Cultural prosseguiu no dia 9 de Novembro, com o filme “A Sombra de um Homem”, comentado pelo advogado, escritor e cineasta, Luís Francisco Rebelo, que não podendo ter marcado presença, enviou um comentário escrito, lido após a sessão.

Conhece-se a forte ligação do movimento cineclubista à oposição ao regime salazarista, desde a sua criação. Certamente também por isso, Manuel Castela e outros mentores prosseguiram a sua luta longe do olhar censório do deputado da Nação e outros colaboradores do regime pois, no dia 3 de Dezembro, era anunciado no *Correio do Ribatejo* de dia 9 de Dezembro de 1955, uma sessão inaugural do “Cine-clubes de Santarém antiga aspiração dos amadores de bom cinema ”<sup>4</sup>..

Não nos constou nenhuma cisão, no entanto, em Outubro de 1955, Manuel Castela deixou a “Comissão de Cinema” do Círculo Cultural que ficou composta por Eduardo Cambezes, Henrique Dias Vigário, Joaquim Maria das Neves e Alexandre de Sousa Passos<sup>5</sup>

<sup>3</sup> “Acta n.º 1, de 3 de Janeiro de 1954” in Círculo Cultural Scalabitano, *Livro de Actas da Direcção*, 29 de Julho de 1954 a 12 Fevereiro de 1957, Arq. do C.C.S.

<sup>4</sup> *Correio do Ribatejo*, 3-12-1955, p. 2.

<sup>5</sup> Cf. Acta n.º 17, de 21-10-55 in Círculo Cultural Scalabitano, *Livro de Actas da Direcção*, 29 de Julho de 1954 a 12 Fevereiro de 1957, Arq. do C.C.S.

O Cinema Cultural prosseguiu a sua actividade no CCS, muito ligado ao cineclubismo, no entanto, no final dos 50 essa distanciação foi maior e a sua actividade decresceu. O Cine-clube desenvolveu uma forte actividade em Santarém e, depois de um abrandamento nos inícios dos anos 60, colaborou intensamente com o CCS, nos anos anteriores ao 25 de Abril.

A adesão ao movimento cine-clubista ficou demonstrada pelo que nos é dado a conhecer através da inclusão de um recorte de jornal, indicativo da participação do CCS, no II Encontro dos Dirigentes dos Cine-Clubes Portugueses, em 1956, realizado na Figueira da Foz e pela constituição de uma delegação do Círculo, constituída por Ginestal Machado, Joaquim Maria das Neves e Proença Ferreira. A intermitência de 1957, por ocasião do III Encontro, promovido em Lisboa, nos dias 1, 2 e 3 de Novembro, deveu-se ao facto de ser o Círculo considerado delegado observador, sem direito a voto, motivando "...a não participação no mesmo [...] evitando-se que a Federação de Cine-Clubes se intrometa na vida associativa da colectividade"<sup>6</sup>. O IV Encontro dos Cine-Clubes Portugueses, realizou-se em Santarém, com o contributo organizativo do Cine-Clube de Santarém, em Novembro de 1958, no qual participou o CCS. Foi presidido por César Moreira Baptista, então secretário nacional do SNI.

Após este IV Encontro, o Estado desferiu o golpe final no movimento cineclubista, promovendo legislação que impedia a continuidade do movimento e divulgando uma lista de dirigentes proibidos de pertencerem a qualquer instituição cultural<sup>7</sup>. Em Outubro, José Carlos Oliveira Sollas assumiu a suspensão das actividades, atribuída à falta de salas de exibição, mas para o que contribuiu a acção de César Moreira Baptista.

**Como curiosidade: As sessões de cinema eram quase sempre acompanhadas de um folheto impresso que incluía a ficha técnica do filme e diversos apontamentos críticos transcritos de revistas especializadas e de cine-clubes da época, como "*Cinema Universitário* n.º 2, *Rassegna del Film* n.º 22, *Visor*, *Objectivo*, *Cinema e Télé-Ciné*"<sup>8</sup>, bem como outros programas**

---

<sup>6</sup> Acta n.º 42, de 21-10-57.

<sup>7</sup> Nesse movimento, em Santarém, alguns dos seus dirigentes também o eram do Círculo Cultural como Edmundo Vaz Mourão, Joaquim Maria das Neves e Luís Eugénio Ferreira. Cf. Ferreira, Luís Eugénio, *Santarém, Memórias da Cidade*, Santarém, Jortejo, 1998, p. 60.

<sup>8</sup> CCS, *Programas Dispersos*, 20/3/1957, Arquivo CCS.

**de cine-clubes visto que um dos seus objectivos passou pela colaboração com “todos os Cine-Clubes e Secções de Cinema de características idênticas em prol da arte cinematográfica”<sup>9</sup>.**

Apesar do grande dinamismo dos primeiros anos, mas padeceu de grandes dificuldades. Até 1957, o CCS beneficiava de um módico aluguer do Teatro Rosa Damasceno, pela empresa arrendatária, para apresentação de filmes de formato de 35 mm. Nesse ano, o aumento de 750\$00 para 1000\$00 trouxe problemas acrescidos. Além deste, houve sempre constrangimentos relativos às autorizações: o novo decreto-lei 41 062 [ou 40 572?], impossibilitava o recurso aos filmes de 16 mm, a passarem na sede do Círculo Cultural, apesar de se “observar que se levam a efeito sessões de 16mm, noutras localidades [...] com filmes cedidos pelas embaixadas, portanto não censurados”<sup>10</sup>. A referida comissão denunciou, ainda, com oportuna cautela, o rigor com que a Delegação de Espectáculos de Santarém tratava as “formalidades legais, o que não se pode levar a mal, pois está dentro do seu papel”<sup>11</sup>.

Após a tentativa de resolução destas questões, promoveu-se em 1958, uma homenagem ao artista e realizador Charles Chaplin, no dia 26 de Abril. Esta deverá ter sido a derradeira sessão da Secção de Cinema.

Essa secção de **cineclubes** ficou estabelecida, no *Relatório* de 1955, como “**Cinema Cultural**” e a sua primeira sessão realizou-se no dia 2 de Março com o filme *D’Homme à Homme*, na tradução portuguesa “Do Sangue Nasceu uma Cruz”, de Christian Jacques, comentado por Gentil Marques, o cineasta e crítico, muito bem relacionado com esta associação.

Depois de algumas alegadas dificuldades, a actividade da secção de Cinema do Círculo Cultural prosseguiu no dia 9 de Novembro, com o filme “A Sombra de um Homem”, comentado pelo advogado, escritor e cineasta, Luís Francisco Rebelo, que não podendo ter marcado presença, enviou um comentário escrito, lido após a sessão.

---

<sup>9</sup> “Regulamento”, Abril de 1957 in CCS, *Regulamentos*, [1954-1957].

<sup>10</sup> “Regulamento”, Abril de 1957 in CCS, *Regulamentos*, [1954-1957].

<sup>11</sup> *Idem, ibidem*.

Conhece-se a forte ligação do movimento cineclubista à oposição ao regime salazarista, desde a sua criação. Certamente também por isso, Manuel Castela e outros mentores prosseguiram a sua luta longe do olhar censório do deputado da Nação e outros colaboradores do regime pois, no dia 3 de Dezembro, era anunciado no *Correio do Ribatejo* de dia 9 de Dezembro de 1955, uma sessão inaugural do “Cine-clube de Santarém antiga aspiração dos amadores de bom cinema”<sup>12</sup>..

Não nos constou nenhuma cisão, no entanto, em Outubro de 1955, Manuel Castela deixou a “Comissão de Cinema” do Círculo Cultural que ficou composta por Eduardo Cambezes, Henrique Dias Vigário, Joaquim Maria das Neves e Alexandre de Sousa Passos<sup>13</sup>

O Cinema Cultural prosseguiu a sua actividade no CCS, muito ligado ao cineclubismo, no entanto, no final dos 50 essa distanciação foi maior e a sua actividade decresceu. O Cine-clube desenvolveu uma forte actividade em Santarém e, depois de um abrandamento nos inícios dos anos 60, colaborou intensamente com o CCS, nos anos anteriores ao 25 de Abril.

A adesão ao movimento cine-clubista ficou demonstrada pelo que nos é dado a conhecer através da inclusão de um recorte de jornal, indicativo da participação do CCS, no II Encontro dos Dirigentes dos Cine-Clubes Portugueses, em 1956, realizado na Figueira da Foz e pela constituição de uma delegação do Círculo, constituída por Ginestal Machado, Joaquim Maria das Neves e Proença Ferreira. A intermitência de 1957, por ocasião do III Encontro, promovido em Lisboa, nos dias 1, 2 e 3 de Novembro, deveu-se ao facto de ser o Círculo considerado delegado observador, sem direito a voto, motivando “...a não participação no mesmo [...] evitando-se que a Federação de Cine-Clubes se intrometa na vida associativa da colectividade”<sup>14</sup>. O IV Encontro dos Cine-Clubes Portugueses realizou-se em Santarém, com o contributo organizativo do Cine-Clube de Santarém, em Novembro de 1958, no qual participou o CCS. Foi presidido por César Moreira Baptista, então secretário Nacional do SNI.

---

<sup>12</sup> *Correio do Ribatejo*, 3-12-1955, p. 2.

<sup>13</sup> Cf. Acta n.º 17, de 21-10-55 in Círculo Cultural Scalabitano, *Livro de Actas da Direcção*, 29 de Julho de 1954 a 12 Fevereiro de 1957, Arq. do C.C.S.

<sup>14</sup> Acta n.º 42, de 21-10-57.

Após este IV Encontro, o Estado desferiu o golpe final no movimento cineclubista, promovendo legislação que impedia a continuidade do movimento e divulgando uma lista de dirigentes proibidos de pertencerem a qualquer instituição cultural<sup>15</sup>. Em Outubro, José Carlos Oliveira Sollas assumiu a suspensão das actividades, atribuída à falta de salas de exibição, mas para o que contribuiu a acção de César Moreira Baptista.

**Como curiosidade: As sessões de cinema eram quase sempre acompanhadas de um folheto impresso que incluía a ficha técnica do filme e diversos apontamentos críticos transcritos de revistas especializadas e de cine-clubes da época, como “Cinema Universitário n.º 2, Rassegna del Film n.º 22, Visor, Objectivo, Cinema e Télé-Ciné”<sup>16</sup>, bem como outros programas de cine-clubes visto que um dos seus objectivos passou pela colaboração com “todos os Cine-Clubes e Secções de Cinema de características idênticas em prol da arte cinematográfica”<sup>17</sup>.**

Apesar do grande dinamismo dos primeiros anos, mas padeceu de grandes dificuldades. Até 1957, o CCS beneficiava de um módico aluguer do Teatro Rosa Damasceno, pela empresa arrendatária, para apresentação de filmes de formato de 35 mm. Nesse ano, o aumento de 750\$00 para 1000\$00 trouxe problemas acrescidos. Além deste, houve sempre constrangimentos relativos às autorizações: o novo decreto-lei 41 062 [ou 40 572?], impossibilitava o recurso aos filmes de 16 mm, a passarem na sede do Círculo Cultural, apesar de se “observar que se levam a efeito sessões de 16mm, noutras localidades [...] com filmes cedidos pelas embaixadas, portanto não censurados”<sup>18</sup>. A referida comissão denunciou, ainda, com oportuna cautela, o rigor com que a Delegação de Espectáculos de Santarém tratava as “formalidades legais, o que não se pode levar a mal, pois está dentro do seu papel”<sup>19</sup>.

---

<sup>15</sup> Nesse movimento, em Santarém, alguns dos seus dirigentes também o eram do Círculo Cultural como Edmundo Vaz Mourão, Joaquim Maria das Neves e Luís Eugénio Ferreira. Cf. Ferreira, Luís Eugénio, *Santarém, Memórias da Cidade*, Santarém, Jortejo, 1998, p. 60.

<sup>16</sup> CCS, *Programas Dispersos*, 20/3/1957, Arquivo CCS.

<sup>17</sup> “Regulamento”, Abril de 1957 in CCS, *Regulamentos*, [1954-1957].

<sup>18</sup> “Regulamento”, Abril de 1957 in CCS, *Regulamentos*, [1954-1957].

<sup>19</sup> *Idem, ibidem*.



Após a tentativa de resolução destas questões, promoveu-se em 1958, uma homenagem ao artista e realizador Charles Chaplin, no dia 26 de Abril. Esta deverá ter sido a derradeira sessão da Secção de Cinema.